

*Para Terence Keenan:
Marido. Pai. Bombeiro.
Por esta ordem.*

Capítulo 1

— **A**cho que devíamos deixar de nos ver.
O meu queixo cai. Inspiro de repente e o cogumelo recheado que acabei de meter na boca vai direitinho para o meu esófago.

O Jason prossegue, inconsciente da minha aflição.

— Já deu o que tinha a dar, não achas? Quero dizer, não se pode dizer que nós tenhamos...

Parece que a minha velha condutazinha de ar está completamente entupida. Os meus olhos lacrimejam, o meu peito entra em convulsão... *Antes de terminares comigo, Jason, importas-te de me fazer a manobra de Heimlich?* Bato com a mão na mesa, fazendo chocalhar porcelana e talheres, mas o Jason parte do princípio de que a minha perturbação se deve a um coração quebrado e não à privação de oxigénio. Desvia o olhar.

Estou a ser assassinada pelo meu aperitivo. Eu sabia que não o devia ter pedido, mas no Emo fazem esta coisinha ensopada em manteiga, com pedacinhos de alho e salsa e... *Hum... Precisas de respirar agora. Deixa a crítica gastronómica para mais tarde.* A pressão no meu pescoço está a aumentar. Cerro um punho, cravo-o mesmo abaixo do esterno e impulso o corpo contra a mesa. O cogumelo sai disparado, bate num copo de água e cai em cima da toalha branca. Respiro fundo e desato a tossir.

O Jason olha para o cogumelo com repugnância e eu, sem pensar, escondo-o num guardanapo e inalo mais uma bela golfada de ar. Respirar. É tão desvalorizado.

— Estava a sufocar, idiota — consigo dizer asperamente.

— Oh, desculpa lá. Pronto, ainda bem que já passou.

É difícil acreditar, para começar, que eu andava mesmo a sair com o Jason, quanto mais crer que ele está a deixar-me. A deixar-me! Eu é que devia deixá-lo!

Olho de fuga para o guardanapo amarrotado contendo o instrumento da minha quase morte. Coitado do empregado que vai limpar a mesa. Será que devo avisá-lo? Caso contrário, ele vai sacudi-lo, inocente, inconsciente, e o cogumelo não mastigado voará pela cozinha, deslizando pelo chão, ficando talvez esmagado debaixo de um sapato...

Concentra-te, Chastity, concentra-te. Estão a acabar contigo. Pelo menos, descobre porquê.

— OK, Jason, tudo bem. Quero dizer, é óbvio que não foi amor à primeira vista. Mas, tirando isso, importas-te de me dizer... enfim, porquê?

O Jason, com quem eu saía há cerca de três semanas, toma um insensível gole de vinho e olha por cima da minha cabeça.

— Temos de dissecar isto, Chastity?

— Bem, hum... pensa nisto como o meu desejo de obter informação. Sou *jornalista*, não te esqueças. — Tento um sorriso simpático, embora neste momento não me sinta muito amigável. Nem neste momento, nem nunca, agora que penso nisso. Pelo menos em relação ao Jason.

— Queres mesmo saber?

— Sim, na verdade, quero. — Pauso, sentindo o rubor subir pelo meu peito. A nossa breve relação tem sido, na melhor das hipóteses, tépida, mas achava que o desconforto emanava de mim. Acima de tudo, isto é uma questão de orgulho ferido. Eu e o Jason tivemos, até agora, quatro encontros. Ele vive em Albany, e é um pouco incómodo fazer a viagem, e por vezes nenhum de nós estava inclinado para tal. Mesmo assim, eu não esperava isto.

A língua do Jason procura qualquer coisa junto de um molar. A sua boca contorce-se e a bochecha dilata. Dou por mim a desejar

que ele também sufoque. Parece-me simplesmente justo. Os seus olhos ainda não se deram ao trabalho de fixar os meus.

— Está bem — aquiesce, deixando para desfrutar mais tarde o pedaço de comida na parte de trás da sua boca. — Queres saber a razão? É só isto: não te acho suficientemente atraente. Desculpa.

Volto a ficar de boca aberta.

— Não sou suficientemente atraente! Não sou atra... Sou muito atraente!

O Jason revira os olhos.

— Claro. Uma mulher linda. Como queiras. E com esses ombros, podias arranjar trabalho nas docas.

— Faço remo! — protesto. — Sou forte! Isso devia ser sexy.

— Pois, mas provares que consegues levantar-me no ar não me põe exatamente a libido em brasa.

— Estávamos a brincar! — exclamo. Na verdade, foi o único momento de diversão que partilhámos no nosso tempo juntos... estávamos a caminhar, ele queixou-se de que estava cansado, eu peguei nele. Fim da história.

— Levaste-me às cavalitas quase dois quilómetros, Chastity. É uma coisa que um xerpa pode fazer, não uma namorada.

— Não tenho culpa de que não aguentasses um trilho de uns meros 20 quilómetros!

— E há outra coisa. Tu gritas.

— Eu não grito! — grito eu, e depois controlo-me. — Tenho quatro irmãos — digo com calma e muito mais baixo. — Nem sempre é fácil fazermo-nos ouvir.

— Ouve. Vale a pena estar a fazer isto? — pergunta o Jason. — Peço desculpa, mas simplesmente não te acho assim tão atraente, Chastity.

— Certo. Já agora, acho que devias tomar banho com mais frequência, Jason. Esse cheiro a patchuli é tão anos 90. — Não foi uma réplica má, mas ainda assim tenho o rosto a arder.

— Como queiras. Toma. — Pega na carteira e põe algumas notas em cima da mesa. — Isto deve chegar para a minha parte. Cuida de ti. — Desliza para fora do banco.

— Jason? — digo.

— O quê?

— Lanças a bola como uma rapariga.

Ele revira os olhos e vai-se embora.

Não me afeta, pois não? Não se pode dizer que ele fosse *O Tal*. Era só uma experiência, o mergulhar de um dedo na piscina de potenciais namorados da alta de Nova Iorque, para medir a temperatura da água. O aspeto positivo é que nunca mais vou precisar de olhar para as suas pernas sardentas e sem pelos. Pelo menos não terei de o ver cortar a comida em pedacinhos muito minúsculos, que ele mastiga interminavelmente até se transformarem apenas em saliva com sabor. Não terei de ouvir aquele estranho assobio nasal que ele faz sempre e do qual nem sequer dá conta. Ainda por cima só mede 1,78 m, praticamente menos 5 centímetros do que o meu eu super-brasa.

Super-brasa. Pois. Afasto os cogumelos — quem é que tem fome agora? — e esvazio o copo de vinho. *Não és atraente*. Idiota. Como se atreve a dizer isso? Ele também não é propriamente o raio do George Clooney! É só um chato magricela, pálido, com cabelo de esfregona, que, por acaso, me convidou para sair. Foi *ele* que iniciou o contacto! Eu não me atirei a ele. Não o raptei. Não houve sacos na cabeça, nem algemas, nem longas viagens na bagageira do meu carro. Não tive de escavar um poço na minha cave para o acorrentar lá dentro. Porque é que, de repente, não sou atraente?

Isto não significa nada, digo a mim mesma. O Jason não significa nada. É só que... ele foi o primeiro tipo com quem saí desde que regresssei à minha cidade natal. E, agora que penso nisso, o primeiro desde... hum... merda. Muito tempo. Por isso o Jason era... bem, o sapo que eu estava a beijar. Eu quero assentar, sem dúvida. Talvez me esteja a sentir um pouco sob pressão para casar e ter os quatro bebés que sempre quis.

Tenho quase 31 anos, e estes são anos difíceis para as mulheres como eu. O que aconteceu a todos aqueles tipos de quando eu tinha 20 e tal? Na faculdade? No jornal? Nós, mulheres, devemos atravessar uma espécie de linha. Faculdade, começar num emprego... nessa altura, somos espetaculares. Alguns anos de carreira em cima e... cuidado, rapazes! Ela só quer uma aliança!

Olho furtivamente o restaurante. O Emo está apinhado esta noite — famílias, casais de todas as idades, amigos. O meu novo estado civil de abandonada parece ser transmitido a todo o restaurante. Na verdade, é melhor do que estar com o Jason, mas mesmo assim... sou a única pessoa que está aqui sozinha. O Emo, um lugar tão frequentado pela minha família que até temos um banco com o nosso nome, é metade bar, metade restaurante, separados por portas envidraçadas. Consigo ver que o bar está à pinha. Os meus adorados Yankees estão a jogar em casa. Ganharam os cinco primeiros jogos da época. Pergunto-me porque é que aceitei sair com o Jason quando podia estar a ver o Derek Jeter.

Sem hesitar, saio do banco, o palco da minha humilhação e do meu episódio de quase morte, aceno à empregada para a avisar da minha mudança de local, e vou para o bar.

«Olá, Chas!» — Vários homens — Jake, Santo, Paul, George — dizem o meu nome em coro, e o meu ego é apaziguado, de certa forma. Ter quatro irmãos mais velhos, dois dos quais bombeiros em Eaton Falls, como o meu pai, o comandante, permite-me conhecer praticamente todos os homens locais com menos de 50 anos. Infelizmente, isso não fez nada por mim no que respeita a namoros, porque parece haver uma lei contra namorar a rapariga O'Neill: eu.

— Olá, Chastity — diz o Stu, o empregado do bar.

— Olá, Stu. Pode ser... hum...

— *Bud Light*? — Ele sugere a minha bebida habitual.

— Não. Que tal um *Scorpion Bowl*? Pode ser?

— Tens a certeza? Não são só para uma pessoa.

— Vou para casa a pé, não faz mal. Estou a precisar, Stu. Oh, e uns nachos, por favor. É melhor a dose grande.

Encontro um banco vazio e viro a minha atenção para os Bronx Bombers. O poderoso Jeter faz a sua imagem de marca, o salto retorcido, apodera-se da bola, e depois faz um *tag out* ao corredor que foi bastante tolo para achar que era seguro largar a segunda base. *Double play*, obrigada, Derek. Pelo menos alguma coisa está a correr bem hoje.

O Stu põe-me a bebida à frente, dou um grande gole e faço uma careta. Estúpido do Jason. Quem me dera ter-me livrado dele antes

de ele se livrar de mim. Sabia que não íamos ficar juntos para sempre, mas esperava gostar mais dele à medida que o tempo passasse. Tinha esperança de que algumas qualidades ocultas emergissem da sua pele pálida e sardenta e erradicassem a insidiosa suspeita de que andava com ele porque não tinha ninguém melhor.

Mas tal não aconteceu. Outro gole de *Scorpion Bowl* queima-me a garganta.

Não te preocupes com aquele cretino, parece dizer-me o *Scorpion Bowl*. *Ele no fundo era desagradável*.

Sim, *Scorpion Bowl*, é verdade. Mas foi ele que me deixou. Maldição.

— Aqui tens, Chastity — diz o Stu, um homem com 1,82 m de altura, pondo a montanha de nachos diante de mim. O queijo escorre pelos lados, os *jalapeños* estão colados no cimo de uma nuvem de natas azedas e, de repente, estou a morrer de fome, esquecida do meu acidente com o cogumelo.

— Obrigada, Stu. — Pego nuns quantos nachos e dou uma dentada. São o céu. Mais um gole da bebida hedionda. Desta vez não sabe tão mal, depois de provar os nachos, e uma agradável confusão enubla-me o cérebro. Bom velho *Scorpy*, o cocktail. Não bebia um desde uma insensata festa universitária, mas começo a lembrar-me do motivo pelo qual eram tão populares nessa altura.

A primeira parte do jogo de basebol acaba e começa um anúncio. Dando mais uma dentada e mais um gole na bebida, observo o restaurante. Pelas portas de vidro vejo que na mesa mais próxima do bar está sentado um homem bem-parecido. Não vejo bem quem o acompanha, mas tem cabelos brancos, o que me faz pensar que é a sua mãe, talvez a sua chefe. Ele é realmente bonito, àquele estilo perfeito e de certa forma estéril da revista do *New York Times*... menino rico, lábios cheios, cabelo longo, loiro e esvoaçante ao estilo McDreamy, estrutura óssea divinal. Embora esteja sentado, posso estimar a sua altura com uma margem de erro de meros centímetros, a não ser que haja uma inesperada amputação das pernas, claro. Parece ter 1,88 m. A altura perfeita para um homem. Além do Jeter e do Viggo Mortenson como Aragorn no *Senhor dos Anéis*, este tipo é basicamente o meu homem ideal.

Olhando-o, o meu coração afunda-se mais um pouco. Um homem como aquele está muito, muito fora do meu campeonato. Não que eu seja uma bruxa hedionda, encurvada e cheia de verrugas, mas sou... bem. Talvez seja um pouco... alta? Mas ser alta não está na moda?

Os designers de moda adoram mulheres altas, diz-me o Scorpion Bowl.

Resfolego. Talvez mulheres que têm menos 10 ou 20 quilos do que eu, mas mesmo assim. É melhor ter 1,82 m do que 1,45 m. E, sim, sou forte. Saudável. Calmeirona. Musculada. Estilo camionista.

Suspiro. Não, o Sr. Secção de Moda da revista do *New York Times* nunca repararia em mim. É uma pena, porque estou a ficar um pouco excitada só de o ver mastigar. É sexy. Mastigação sexy. Ouçam-me só! E, no entanto, é verdade. Nunca vi uma mastigação tão sexy.

Alguém desliza para o banco ao meu lado no bar apinhado. O Trevor. Fantástico. Olha para mim, reconhece-me subitamente, e fico com a impressão de que ele não teria escolhido este banco em particular se tivesse percebido que a rapariga O'Neill estava aqui sentada.

— Olá, Chas — diz ele com alguma amabilidade. — Que tal vai isso?

— Olá, Trevor, acabei de ser deixada por um namorado — anuncio, arrependendo-me imediatamente. Era suposto soar como uma autocensura sarcástica, mas não teve esse efeito.

— Quem é que te deixou? — pergunta ele. — Não foi aquele tipo pálido e magricela, pois não?

Aceno com a cabeça, sem olhar para o Trevor, que não é pálido nem magricela, mas musculoso, com olhos de chocolate e irresistível.

— Estás a brincar? *Ele deixou-te?*

Um pequeno sorriso repuxa-me os lábios.

— Sim — confirmo. — E obrigada.

— Bem, estás melhor sem ele — diz o Trevor. — Era um idiota. — O Trevor só falou com ele uma vez, mas a sua avaliação, devo admiti-lo, é certa. Não respondo, e o Trevor olha-me cautelosamente.

— Queres que te leve a casa, Chastity? — Olha em redor do bar. — Acho que não está aqui nenhum dos rapazes. — Os rapazes são os meus irmãos e o meu pai, claro.

— Não — dou suspiro um pouco pegajoso. — Vou ficar aqui a ver os Yanks.

— Está bem. Nesse caso, fico contigo — diz ele, atencioso como sempre.

— Obrigada, Trev. — Contenho as lágrimas patéticas que a sua oferta, e provavelmente o meu amado *Scorpion Bowl*, provocam, e depois dou uma bofetada mental a mim mesma. O Jason não merece qualquer angústia ou mágoa. É só que o que ele disse... doeu. Mesmo que ele seja um cretino a tresandar a patchuli.

— Vamos, está ali uma mesa livre.

Ele pega nos nachos, eu pego na minha bebida.

O Trevor, com 1,81 m, ocupa um lugar estranho no meu coração. Por um lado, é como um quinto irmão. Conheço-o desde o 3.º ano, e é o melhor amigo do Mark e do Matt, dois dos meus quatro irmãos. De facto, nos últimos 10 anos, o Trevor passou mais tempo com a minha família do que eu. Trabalha com o meu pai, que é o seu comandante, e reverencia-o. É padrinho de um dos meus sobrinhos. É, indiscutivelmente, o filho preferido da minha mãe, dane-se a biologia.

Por outro lado, e este é provavelmente o lado que importa, é o Trevor. Trevor James Meade. Nome lindo, homem lindo. E embora ele seja há muito tempo um amigo muito próximo da família, e embora eu o ache muito, muito atraente, o Trevor não é uma possibilidade.

Não remoas nisso, aconselha-me o *Scorpy*. O *Scorpy* tem razão.

Tentando não olhar para o Trevor, viro os olhos para o Jeter — para os seus 1,90 m, que Deus o abençoe — e para os outros rapazes, mas a pontuação é, oh, caraças, 312 a 2, ou lá o que é, e os Yanks estão a bater pela décima primeira vez durante a segunda parte do jogo, pelo que não é propriamente um momento tenso. Olho em redor da mesa. O Trevor dirige-me o sorriso da praxe, mas parece desconfortável. Não me lembro da última vez que estivemos sozinhos. Oh, merda, sim, lembro! Quando ele foi a Nova Iorque para me dizer que ia casar. Como é que uma rapariga se pode esquecer? Outra memória sombria e embaraçosa. Suspiro, bebo e pego noutra camada de nachos.

O Trevor acena sem esforço à empregada — sendo mulher, reparou no Trevor no minuto em que ele entrou, e detém-se bruscamente com a alegria de ser chamada. Típico.

— Essa é a tua primeira bebida, Chas? — pergunta o Trevor.

— Sim — respondo. — Só um pequeno *Scorpion Bowl*. São giros, não são?

O Trevor sorri com mais sinceridade.

— Espero que não te importes que eu te leve a casa esta noite.

— Mesmo nada, Bombeiro Meade. — Devolvo-lhe um sorriso um pouco desajeitado.

— O que querem beber? — sussurra a empregada numa voz de Marilyn Monroe-gatinha-sexy. — Uma cerveja? A lista dos vinhos? Uns quantos filhos e uma hipoteca?

Na verdade, ela não disse esta última parte, mas estava implícito.

— Vou tomar uma *Sam Adams* — diz o Trevor, sorrindo-lhe.

— Quero outro *Scorpion Bowl* — digo eu.

— Sou a Lindsey — sussurra ela, ignorando-me. — Sou nova aqui.

— Prazer em conhecer-te, Lindsey — diz o Trevor. Não me dou ao trabalho de responder, já que não faço parte desta conversa. No ecrã da televisão, o Jeter corta a bola sobre a cabeça do jogador da primeira base e voa pela linha, fazendo um duplo. Fico com a sensação de que ele sabe que eu me sinto em baixo e está a fazer o seu melhor para me animar. Oh, e vai o terceiro. Sim, é óbvio. O Jeter ama-me.

A empregada está a passar furtivamente um papelinho ao Trevor. O seu número de telefone, sem dúvida. Talvez o tamanho do soutien e os nomes preferidos para os filhos por nascer. O que é que eu sou, caraças, invisível? Como é que uma mulher que mede 1,82 m pode ser invisível? E se eu e o Trevor fôssemos namorados? Não somos, mas podíamos ser!

O Trev tem a decência de se mostrar humilde, e a minha irritação dissipa-se. Está bem. Eu compreendo. O Trevor, embora não seja exatamente bonito, é aquele género de homem que deixa as mulheres rendidas. As suas feições, uma a uma, não são nada de especial. Em conjunto, temos o equivalente masculino a morte por chocolate. Extremamente atraente, absolutamente lascivo. Maldito seja.

Como mais nachos e termino o meu amado *Scorpy*. Talvez eu devesse tentar ser tão descarada como a Lindsey, a empregada gatinha-sexy. Afinal, ela está aqui há um minuto e meio e um bombeiro simpático e bem-parecido já tem o número dela.

— Desculpa lá isto — diz o Trevor.

— Desculpo o quê? — replico eu casualmente, voltando a olhar para a parte de restaurante do Emo. Lá está o modelo da revista do *New York Times*. É tão bonito. A sua estrutura óssea sugere uma reserva gélida, se tal coisa é possível, ao contrário do rosto instantaneamente adorável do Trev.

Outro *Scorpion Bowl* aparece diante de mim, como que por magia. Mas não foi magia. Foi o Stu, o empregado de balcão, que reparou em mim quando a Lindsey, a empregada de mesa, não reparou. Bom velho Stu. É pena ser casado e ter 60 anos. Não fosse isso e atirava-me a ele. Dou um gole grato, estremeço quando as minhas papilas gustativas protestam, e depois engulo. Sinceramente, preciso de bebida. Afinal, não é todas as noites que quase sufoco e acabam comigo.

— Afinal, o que é que disse o teu namorado idiota? — pergunta o Trevor, servindo-se de nachos.

Paro para pensar. O *Scorpion Bowl* exige que eu responda com sinceridade.

— Disse que não sou suficientemente atraente.

O Trevor para de mastigar.

— Que grande cabrão.

Sorriso. Outra demonstração de lealdade.

— Obrigada. — Pego num nacho destituído de queijo e molho, desfaço-o em migalhas e disponho-as num padrão sobre a mesa. É uma boa ideia, porque se olhar para cima, a sala rodopia um bocadinho. O *Scorpy 2* sugere-me que me aconselhe com o Trevor. Afinal, ele é um especialista em mulheres. E, continua o *Scorpy*, pelo menos conhece-me há tempo suficiente para ser honesto.

— Trevor, diz-me a verdade. Eu sou... bonita?

Ele ergue as sobrancelhas, surpreendido.

— Claro que... bem, bonita talvez não seja a palavra certa. Chamas a atenção. Que te parece?

Reviro os olhos.

— Parece-me uma treta, na verdade. Chamo a atenção. Tipo: «O miúdo fez uma birra para chamar a atenção.» Ou: «Os trabalhadores em greve pretendem chamar a atenção para as péssimas condições de trabalho.»

O Trevor sorri.

— Vamos pedir uma água para ti, está bem?

— Vá lá. Diz-me.

— Digo-te o quê, Chastity?

— Bem, tu foste para a cama comigo. Deves ter-me achado atraente, não?

O Trevor petrifica, com a cerveja a meio caminho da boca.

— No fim de semana do Dia de Colombo, lembras-te? — continuo. — No meu primeiro ano na universidade. Tu...

— Claro que me lembro, Chastity — interrompe o Trevor em voz baixa. — Só não esperava que fôssemos discutir isso. Foi o quê, há 12 anos? Da próxima vez, podias avisar.

— Não sejas pudico — digo eu, dando outro gole na minha bebida. — Então?

O meu tom é descontraído, mas noto que o meu rosto está quente. *Scorpy 2* diz-me que não me preocupe.

— Então o quê? — diz o Trevor, com uma expressão severa.

— Bem, deves ter-me achado um bocadinho atraente, não?

— Claro que te achei atraente, Chastity — diz o Trevor cautelosamente, olhando para um ponto à esquerda da minha cabeça. — Tu és muito atraente.

— Mas... — incentivo.

— Mas nada. És atraente, está bem? Tens uma beleza não convencional. Não deixes que aquele esquelético te faça sentir insegura.

— Não deixo. Estava só a pensar... se os homens me acharão atraente.

— Bem, e eu estou a pensar se estarás a precisar de algo mais substancial do que nachos. Que tal jantarmos? Queres um hambúrguer?

— Não tenho fome — digo, com a boca cheia dos últimos nachos.

O Trev passa a mão pelo cabelo castanho ondulado, um cabelo que eu sempre adorei. Espesso, rico, ondulado e despenteado, da cor do café, macio como seda... é melhor parar. Ele está a olhar-me de uma maneira estranha.

— Então, o que queres de mim? — pergunta.

Quatro filhos.

— Apenas que sejas sincero.

— Em relação a quê?

— Em relação a mim e aos homens.

Deve haver qualquer coisa na minha expressão que faz o Trevor ter pena de mim.

— Chastity — começa ele, paciente. — Os homens adoram-te. És tão divertida. Na verdade, foste sempre um dos... — interrompe-se subitamente.

— O quê? Um dos quê? Um dos nossos? Era isso que ias dizer? Que sou um dos rapazes? — A minha voz é aguda. E possivelmente um pouco alta.

— Hum... bem, no bom sentido, percebes?

— Como é que isso é bom? — pergunto.

O Trevor estremece.

— Bem, sabes imenso sobre desporto, não é? E muitos homens gostam de desporto.

Gemo. O Trevor faz uma careta.

— E jogas setas e bilhar e coisas do género. Hum... divertimo-nos todos muito quando fizemos aquele triatlo contigo há uns anos.

Suspiro e estendo a mão para o *Scorpy*, mas o Trevor pô-lo fora do meu alcance. Em vez disso, empurra um copo de água na minha direção. Reviro os olhos... um deles parece ficar preso... e olho mais uma vez para o Sr. *New York Times*. Quem me dera ser casada com ele. Pergunto-me se haverá alguma maneira de o conseguir. *Olha para aqui, amigo. Casa comigo.* Ele sorri a algo que a sua companheira de cabelos grisalhos diz e continua inconsciente de que a sua alma gémea está sentada a uns metros de distância.

Nessa altura, a empregada bonita e cabra, distribuidora de números de telefone, reaparece com outro *Scorpion Bowl*. Mesmo no meu estado ébrio reconheço que o Trevor tem razão e que não devo

beber nem mais uma gota. Depois tenho uma maravilhosa revelação. Alguém está a mandar-me uma bebida!

— De um potencial amigo — diz a Empregada Oferecida, com a voz carregada de significado, pousando o copo à minha frente.

Bem, isto é uma mudança! Alguém está interessado em mim! As minhas bochechas coram de prazer. Obrigada, Deus! Eis que um cavaleiro acorre no momento certo! Exatamente quando o meu ego está no esgoto, alguém me oferece uma bebida. Oh meu Deus, poderá ter sido o Sr. *New York Times*? Não *admira* que não olhe para mim... está à espera da minha reação. Um impulso de adrenalina inunda-me o peito e as minhas pálpebras parecem flutuar. Observo-o. Ele continua a não olhar na minha direção. Deve ser tímido. Que adorável!

— Foi o — *deus* — homem daquela mesa? — pergunto, apontando na direção dele.

— Não. Foi a... pessoa? Ali — diz a empregada. — Ao balcão.

De coração acelerado, viro o pescoço para ver quem é. O Trevor faz o mesmo.

Sentada no bar, olhando-me com um sorriso, está uma mulher. Ergue a sua cerveja — acho que é da marca *Miller* — e saúda-me. Como não sei o que mais fazer, aceno-lhe também, com pouca convicção. É atraente, de cabelo escuro e curto, agradavelmente rechonchuda, e parece ter uma cara simpática. Contudo, isso não apaga o facto de eu não ser lésbica. O Trevor tapa os olhos com uma mão. Desconfio que se está a rir. A sua boca treme. Sim. Filho da mãe.

— Pode... pode dizer-lhe que eu... é só que... — Tenho as bochechas em chamas.

— Ela está comprometida — consegue dizer o Trevor, com voz sombria. — Mas obrigado na mesma. Pode levar a bebida.

A empregada assente com a cabeça, pega no copo e balança o rabo a centímetros do ombro do Trevor. Ponho a cabeça em cima da mesa.

— Oh, Chas — ri-se o Trevor. Sem levantar a cabeça, mostro-lhe um dedo.

Ele levanta-se e vem sentar-se ao meu lado, pondo-me um braço fraternal em volta dos ombros.

— Não sejas pessimista, Chas. As coisas vão resolver-se.

— Blá blá blá e mais blá — murmuro, resistindo à tentação de lhe dar um murro nos rins. Estas amenidades são tão úteis como atirar uma bola de bólingue a um homem que se está a afogar. Detesto o facto de ter suportado o tépido e sardento Jason, mesmo que só por algumas semanas. Odeio que o Sr. *New York Times* esteja a quilómetros do meu campeonato. Odeio o facto de ter sido tomada por lésbica.

Não é justo. Aqui está o Trevor, um íman de mulheres, capaz de seduzir em 90 segundos. Os meus irmãos, com idades entre os 32 e os 38 anos, têm de afugentar as mulheres com um *taser* e uma cadeira robusta. E eu, que ainda mal passei dos 30, transformei-me numa pária. Digo a minha idade a um homem e ele fica abalado, como se lhe tivesse dito exatamente quantos óvulos tenho nos meus ovários e o quanto gostaria que fossem fertilizados. Não é justo.

Sentada ao lado do Trevor, a encarnação de tudo o que é bom num homem, o meu primeiro amor, o primeiro homem com quem dormi, o homem que tenho de me habituar a ver com outras mulheres, faço uma jura.

As coisas vão mudar. Preciso de me apaixonar. Depressa.

Capítulo 2

Sempre soube que voltaria a Eaton Falls. Era o meu destino. Os O’Neills remontam a seis gerações neste sítio, e quero que os meus futuros filhos tenham uma infância tão plena como a minha — pescando no lago George, caminhando nos muitos trilhos de montanha dos Adirondacks, andando de canoa e caiaque, esquiando e patinando, respirando ar fresco e puro, conhecendo as pessoas dos correios e da câmara, e, claro, estando perto da família.

Claro que eu imaginava que um dia voltaria porque eu e o meu apaixonado marido estávamos prontos para assentar e criar os nossos quatro filhos. Em vez disso, voltei sozinha. Estava a trabalhar no *Star Ledger*, vivendo na vibrante Newark, quando o destino interveio. O jornal da minha região, *Eaton Falls Gazette*, procurava um editor de *fait divers* e artigos sociais. Já trabalhava há algum tempo num jornal de uma cidade grande e estava pronta para outra coisa. Tudo se conjugou imediatamente — aceitei o emprego, voltei para casa da mãe e duas semanas depois fiz uma oferta para uma casa minúscula e adorável. Como a hipoteca era um pouco cara, aceitei o meu irmão mais novo como inquilino, dei umas demãos de tinta e mudei-me para lá.

Isso foi há seis semanas. Foi tudo um pouco apressado, mas correu bem.

Hoje está uma amena e linda manhã de abril, provavelmente o dia mais perfeito que já existiu. O céu está azul-claro, o nevoeiro rodopia por cima do poderoso rio Hudson e as árvores estão adornadas com um borrão muito claro de rebentos verdes.

Não vejo viva alma enquanto corro pela Bank Street, os meus ténis troando no pavimento. Ao fundo da rua há um grande barracão feito de chapa ondulada. Paro, inspirando uma golfada de ar limpo e húmido, simples, completa e profundamente feliz por estar de volta à minha cidade natal.

Arrendo este barracão ao velho McCluskey. É muito diferente da casa dos barcos que usei no passado, mas serve. Marco a combinação no cadeado e abro a porta. Ali está ele, *Rosebud*, o meu magnífico barco de madeira.

— Bom dia, alegria — digo, a minha voz ecoando nas paredes de metal. Pego nos remos, levo-os para a doca, pouso-os cuidadosamente, depois volto ao barracão, tiro o *Rosebud* do seu arnês de lona e levo-o para fora. Deve ter uns 9 metros de comprimento, mas é leve como uma pena — bem, uma pena de 15 quilos. Empurro-o para a água, instalo os remos e depois, segurando-o firmemente contra a doca, subo, ato os cabos aos ténis e parto.

Comecei a remar quando o meu irmão Lucky se juntou à equipa da universidade e precisava de alguém para impressionar. Eu fui essa pessoa... afinal, para que servem as irmãs mais novas? O Lucky deixou-me experimentar a sua embarcação e descobrimos instantaneamente que eu tinha nascido para remar. Quando fui para a Universidade de Binghamton fiquei nas quatro exclusivas, com outras três robustas e orgulhosas raparigas. Em Nova Jérсия, pertençia ao Clube de Remo do Rio Passaic, mas agora, de volta a casa, remo sozinha, e acho que descobri a verdadeira serenidade zen do desporto. Na semana passada avistei um bando de gansos que voltavam, como eu, aos Adirondacks, depois da sua estadia no Sul, voando tão baixo que conseguia ver as suas patas pretas aninhadas nas barrigas penugentas. Na quinta-feira foi uma lontra, e ontem vi uma gigante mancha castanha que podia ser um alce. No outono, a nossa famosa folhagem brilhante vai iluminar as colinas como chamas amarelas e douradas. Glorioso como tudo.

A estreita embarcação vai cortando o rio, e o único som que se ouve é o gentil bater da água de encontro ao casco. Olho por cima do ombro e remo com mais força, alinhar e remar, alinhar e remar, aumentando gradualmente a carga de água nos remos, cortando o rio em ângulos precisos, o meu corpo contraindo-se e expandindo-se a cada arremetida. Pequenos remoinhos marcam o meu progresso rio acima, e os remos a escorrer deixam um mapa de onde estive. Alinhar e remar, alinhar e remar.

É uma boa cura para a ressaca com que acordei depois da minha noite de *Scorpion Bowls*, e uma boa forma de prevenir a dor de cabeça com que sei que vou ficar mais tarde, em casa da mãe. Almoço de família, presença obrigatória. Isso significa a mãe e o pai, os meus quatro irmãos, Matthew, Mark, Luke e John, conhecidos por Matt, Mark, Lucky e Jack, e as suas mulheres e filhos.

O Jack é o meu irmão mais velho, casado com a Sarah e pai orgulhoso de quatro filhos — Claire, Olivia, Sophie e Graham. O Lucky e a Tara estão numa competição renhida, com três — Christopher, Annie e a bebé Jenny. A Sarah e a Tara são mais conhecidas como «as Starahs». Mark, o terceiro rapaz O'Neill, está a meio de um amargo processo de divórcio com a minha amiga mais antiga, Elaina. Têm um filho, o Dylan. Depois vem o Matt, solteiro, sem filhos, e atualmente o meu companheiro de casa, e finalmente eu, o bebé da família.

O Trevor também pode estar lá, o O'Neill não oficial, praticamente adotado pelos meus pais quando era adolescente e convidado frequente nos eventos da família. Bom velho Trevor. Remo com mais força, mais depressa, subindo o Hudson a um ritmo deslizando. Sinto uma dor agradável nos músculos, o suor escurece-me a t-shirt, e apenas ouço o deslizar dos remos na água e a minha própria respiração pesada.

Uma hora mais tarde, termino a minha sessão de remo sentindo-me substancialmente menos poluída do que quando comecei. Ergo o *Rosebud* para o seu baloiço, dou-lhe uma palmadinha amigável e corro para casa. Sim, sou uma atleta. Todo este exercício permite-me desfrutar da imensa *junk food* que há na Terra. Portanto, nem que fosse só por essa razão, já valia a pena. Corro pelas escadas do alpendre, abro a bonita porta de carvalho e encosto-me à parede.

— A mamã está em casa!

E aí vem ela, a minha bebé, 55 quilos de músculos frouxos, queixo babado e puro amor canino. *Buttercup*.

Au-au! Au-au!, ladra, as suas patas gigantes procurando aderência nos soalhos de madeira. Estremeço enquanto ela reúne os seus músculos desastrados e salta, esmagando-se contra mim.

— Olá, *Buttercup*! Quem é uma menina linda, quem é? Tiveste saudades minhas? Tiveste? Eu também tive saudades tuas, menina linda!

Faço-lhe festas vigorosas e ela tomba num monte grato, fungando de alegria.

Sendo a dona da *Buttercup*, sinto aquela obrigação maternal de lhe mentir acerca da sua aparência física. A *Buttercup* não é uma cadela bonita. Assim que confirmei a compra da minha casa, no mês passado, fui ao canil. Mal a vi, decidi que tinha de ser minha, porque era claro que mais ninguém a queria. Parte cão de caça, parte dogue alemão e parte mastim, tem pelagem vermelha, orelhas compridas, e a cauda como arame farpado. Cabeça ossuda, corpo desajeitado, patas gigantes, queixo sempre com baba, lúgubres olhos amarelos... Bem, ela não vai ganhar nenhum concurso de beleza canina, mas amo-a, apesar de as suas habilidades até agora serem só dormir, babar-se e comer.

— Muito bem, almôndega — digo, depois de a *Buttercup* me ter chicoteado com a cauda e ter babado um copo ou dois de saliva no meu braço. Ela abana mais uma vez a cauda e adormece quase instantaneamente. Salto por cima do seu grande corpo e vou para a cozinha, fraca de fome.

Enquanto abro um pacote de *Pop-Tarts* de canela e açúcar amarelo, encosto a cabeça com gosto ao armário da cozinha. Adoro a minha nova casa, a primeira que possuo. Claro, tem os seus problemas — uma caldeira caprichosa, um depósito de água quente pequeno, uma casa de banho principal inútil —, mas é muito parecida com a minha casa de sonho. Um *bungalow Craftsman* (Eaton Falls está cheia deles, e sempre cobicei o seu charme), a casa tem robustas colunas de pedra no alpendre, vitrais modernos e soalhos de madeira com padrão. Eu ocupo o quarto maior lá em cima, o Matt tem o mais pequeno à saída da cozinha. Quando definimos que

«a tampa da sanita é para baixar», eu e o meu irmão começámos a dar-nos bastante bem.

— Olá, Chas. — O dito irmão emerge da casa de banho com o seu maltrapilho roupão de xadrez azul e uma nuvem de vapor.

— Olá, colega. Queres uma *Pop-Tart*?

— Claro. Obrigado.

— Acabaste de tomar duche? — pergunto.

— Sim. É toda tua.

— E, claro, sendo tu o meu único irmão atencioso, deixaste-me alguma água quente — digo, cheia de esperança.

— Ups. Acho que me distraí um bocadinho. Desculpa.

— Bebé mimado e egoísta — suspiro com um sofrimento de mártir.

— Não fales de ti assim. — Ele sorri e serve uma chávena de café para cada um.

— Obrigada. A propósito, quando é que vocês vão começar a casa de banho lá de cima? — pergunto, dando um gole grato. — Sem ofensa, mas estou mesmo ansiosa por ter uma banheira para mim.

— Certo — responde o Matt. — Hum. Não sei bem.

Como a maior parte dos bombeiros, o Matt tem um segundo emprego, visto que os responsáveis da cidade não acham apropriado pagar aos seus heróis um ordenado que dê para viver. (Cresci a ouvir esta frase.) O Matt, assim como o Lucky e alguns outros tipos, fazem renovações, por isso é evidente que os contratei para tratarem da minha casa de banho. Um dia vai estar linda: banheira com *jacuzzi*, novo chão de azulejos, lavatório com pé, lindas prateleiras e toda a espécie de recipientes organizados para guardar as minhas coisas de rapariga. Infelizmente, as obras dos que não são da família têm prioridade.

— Talvez pudessem começar antes da minha morte — digo, com a boca cheia de *Pop-Tart*.

— Bem, isso é um prazo muito apertado — diz o Matt, fingindo um ar sério.

Na outra divisão, a *Buttercup*, que tem estado a dormir profundamente, levanta-se precipitadamente, como se tivesse acabado de detetar o cheiro de uma criança desaparecida. O Matt encosta-se à parede.

— Olá, *Buttercup*.

Au-au! Au-au!, late ela, regozijando-se com o som da voz do Matt, como se tivesse sido separada dele por causa da guerra e não devido à sua sesta. Com a cauda a abanar perigosamente, de tanto amor, aproxima-se dele — queixo a tremer, quartos traseiros a baloiçar — e esmaga-se contra a sua pélvis, antes de tombar com um gemido aos seus pés, de barriga para cima, as patas maiores do que bolas de ténis agitando-se no ar.

— Caramba, és uma prostituta — diz-lhe o Matt, cumprindo o seu dever de lhe acariciar a enorme barriga com o pé.

— Os iguais reconhecem-se — comento, dobrando-me para desatar os ténis.

— Por falar em prostitutas, como foi a tua noite? — pergunta o Matt. — Foste ao Emo, não foi?

Suspiro, depois olho para a cara dele. Está a tentar não se rir.

— Já sabes, velhaco. Quem é que te contou? O Trevor?

— O Santo ligou. Diz que tens uma namorada nova. — O Matt endireita-se, rindo. — Então agora mudaste de campo, Chas?

— Vai-te catar, Mattie. — Pego nas minhas *Pop-Tarts* e dirijo-me para as escadas. — Olha, vou acabar de pintar o meu rodapé. A que horas é o almoço em casa da mãe?

O Matt faz uma careta.

— Às duas.

— Onde queres ir primeiro?

— Ao Dugout? — sugere ele.

Sim, a mãe vai cozinhar. O problema é esse.

— Parece-me ótimo.

Algumas horas depois, eu e o Matt seguimos no meu carro, com a *Buttercup* estendida no banco de trás, ressonando sonoramente. Deixamo-la no carro e vamos ao Dugout comer asas de frango e calamares fritos, assistindo amigavelmente ao *Sports Center* enquanto comemos. Pagamos a conta e vamos para casa da família.

— Onde é que estiveram? — pergunta a mãe, chateada, assim que atravessamos a porta. O burburinho da família reunida atropela-me como um camião.

— *Gutterbup!* — guincha o Dylan, correndo para a minha cadela, que tomba no chão, rebolando, para que o bebé lhe possa fazer

festas na barriga. Na outra sala, a Elaina acena-me. À distância, na cave, ouço o meu irmão Mark falar rispidamente com alguém. *Ups*. A Elaina e o Mark na mesma casa... não vai ser bonito.

— Olá, mãe — digo, inclinando-me para lhe beijar a bochecha. — Foi simpático teres convidado a Elaina.

— Está mais do que na hora de aqueles dois se reconciliarem — anuncia ela, apertando mais as fitas do avental.

— E eles estão a tombar de amor em cima um do outro? — pergunto.

— Não exatamente — reconhece. — Ela ainda não o perdoou.

— Ele traiu-a, mãe.

— Temos de falar disso agora?

— Não, não temos. Já chegaram todos?

— Sim, estávamos à vossa espera, o assado está quase pronto; agora vai! Fora da cozinha! Leva aquela carcaça a que chamas cão contigo. Vai!

— Tia! Tia! Brinca ao *Bucking Bronco* comigo! Por favor? Por favor? *Porfavorporfavorporfavor?* — implora a minha sobrinha Claire, de 9 anos.

— Não! Aos *Wild, Wild Wolves*! Tu prometeste, tia! — A Annie, de 7, puxa-me a mão.

— Está bem, está bem, lobos e *Broncos* já a seguir. Deixem-me só tirar daqui a *Buttercup*, está bem?

A cadela não concorda em levantar-se, apenas pestaneja de forma reprovadora. Deslizo os braços em volta da barriga dela e levanto-a, mas, como uma gelatina, ela recusa-se a ficar de pé. Tenho de a agarrar pela coleira e arrastá-la para a sala de estar, onde fica deitada ao lado da porta, deixando, satisfeita, que o Dylan lhe examine as orelhas enormes.

O pai está no seu cadeirão, fingindo que dorme. A Sophie e a Olivia riem-se como loucas quando ele ressoa.

— Acorda, avô — ordena Sophie. — Está na hora de comer!

O pai funga e ressoa um pouco mais e depois endireita-se.

— Estou esfomeado! — berra. — Mas não pelo almoço. Por... por... — Olha para as netas, que esperam com uma alegria arquejante. — Por crianças! — Ruge e atira-se a elas, fingindo devorar

membros e cabeças e barrigas, enquanto as meninas gritam e fogem, e depois voltam atrás para mais.

— Olá a todos — digo.

— Lobos, tia!

— Sim, já vai, meninas. Olá, Lucky — digo. — Olá, Tara. — Beijo a bochecha da minha cunhada. — Como vai isso? Onde está o Jack?

— Ele e o Trevor estão na adega com o Chris. Acho que estão a jogar *Nintendo*. O Mark também está lá em baixo, a esconder-se da mulher — diz o Lucky.

— Ex-mulher — murmura a Tara.

— Ainda não — corrige o Lucky.

— Estou mesmo aqui, por isso, se vão falar de mim, podem baixar a voz? — diz a Elaina, fazendo o seu inimitável torcer de cabeça à latina. — Olá, Chas, que contas de novo?

Antes de eu poder responder, pega no Dylan e cheira-lhe o rabo.

— Não te esqueças do que ias dizer — diz, correndo pelo corredor fora, os seus caracóis pretos a baloiçar.

— Já estás pronta para brincar aos *Broncos*, tia? — implora a Claire.

— Chastity — diz a Tara. — Ouve, antes de as coisas enlouquecerem por aqui, quero pedir-te um favor. No fim do mês é o nosso aniversário de casamento e estávamos a pensar... queríamos muito, na verdade...

— Temos rezado — diz o Lucky, pondo um braço em volta da mulher. — Rezámos de joelhos para que tenhas a bondade de tomar conta dos nossos filhos. De sexta a domingo, no último fim de semana de abril.

Paro um pouco, baixando-me para pegar no Graham, o filho mais novo do Jack, que tem 1 ano e meio e está a morder-me o atacador da bota.

— Enlouqueceram? — pergunto ao Lucky e à Tara. — Vá lá! Querem que eu... Eu!... tome conta dos vossos monstros? Um fim de semana inteiro?

Eles têm a decência de se mostrar envergonhados.

— Lembram-se do que aconteceu da última vez? As queimaduras de corda nos meus tornozelos?

A Tara faz uma careta.

— O Christopher a comer abóbora crua e a vomitar atrás do sofá? A Annie a fazer chichi na minha cama?

— Eu lembro-me — exclama a Annie alegremente. — Fiz chichi na tia!

O Lucky baixa a cabeça.

— Esquece — murmura. — Desculpa.

— Oh, animem-se. — Sorrio. — Claro que fico com eles.

— Eu disse-te — murmura o Lucky para a mulher.

Acaricio a bochecha gorducha e macia do Graham e depois imito um pássaro para o fazer sorrir.

— És uma santa — diz a Tara, feliz. — Diz-nos o teu preço.

Sinto um rubor subir-me pelo pescoço.

— Bem...

As sobrancelhas deles erguem-se, na expectativa.

— Estou interessada em... vocês sabem.

— Tornares-te lesbica? — sugere o Lucky com uma piscadela cúmplice.

Dou-lhe imediatamente um murro nas costelas, e fico contente por ele estremecer.

— Neste momento devias beijar o chão que eu piso, Lucky.

— Sim, sim, claro — corrige-se o Lucky. — O que podemos fazer por ti, Chas?

Suspiro e reviro os olhos, mas obrigo-me a continuar.

— Gostava de conhecer um tipo decente — murmuro. — Por isso, se conhecerem alguém...

— Claro — chilreia a Tara. — Não tiveste muito por onde escolher em Eaton Falls, até agora?

— Bem — digo, fitando a pele leitosa do Graham e as suas orelhas espetadas, de um rosado translúcido. — Não é que não conheça homens solteiros, mas tendem a ser... esquisitos. Ninguém que eu queira para pai dos meus filhos. Sabes como é. — Na verdade, ela *não* sabe. Tem 31 anos, está casada há oito e tem três filhos lindos. — Adiante. Toda a ajuda é bem-vinda.

— Temos de ser uns para os outros — murmura o Lucky com falsa compaixão.

Semicerro os olhos, mas preciso dele. Toda a literatura do namoro (sim, eu li-a) diz que devemos avisar toda a gente de que procuramos um parceiro. Por mais mortificante e humilhante que seja.

— Vou ficar atenta — diz ela. O Lucky assente com a cabeça. Do quarto ao fundo do corredor, a Jenny grita e correm ambos para ver o que se passa com a filha mais nova. O Graham retorcede-se para que o ponha no chão e gatinha atrás deles.

Descubro que tenho a mão sobre a barriga, como se quisesse sentir o meu bebé. Que, evidentemente, não está ali. Neste momento é difícil imaginar como seria a minha barriga, que é esguia e dura como uma tábua, inchar com um bebé. Com um bebé de bochechas rosadas e olhos sonolentos, que será o meu menino ou a minha menina.

— Tia, olha! — diz a Olivia.

Pouso a mão nos seus gloriosos caracóis ruivos (é parecida com a mãe e não com os morenos irlandeses O'Neills).

— O quê, Cabeça de Papoila?

— Tenho um dente a abanar! — anuncia, abrindo a boca. Antes de eu poder protestar, antes de eu poder sequer emitir um som, o seu dedo gorducho empurra um dente da frente, mostrando uma cratera carmesim. Um fio de sangue escorre pelos outros dentes. O estômago cai-me para os joelhos e todo o ar parece fugir-me dos pulmões.

— *Tájaver?* — pergunta a Livvy, ainda mostrando o buraco. Uma gota de saliva manchada de sangue aterra-me na mão. — *Tájaver?* Abana todo.

— Não faças... eu... querida... — A minha visão está a ficar turva, as minhas mãos estão húmidas e frias. Dou um vacilante passo atrás, esbarrando com o meu pai, que me segura.

— Livvy! Sabes que a tia não gosta de sangue! Vai mostrar isso ao tio Mark.

Pestanejo e abano a cabeça, desgostosa.

— Obrigada, pai. — Suspiro.

— Oh, a minha pobre pequenina — diz ele, dando-me palmadinhas no ombro.

Abate-se sobre mim a mistura familiar de irritação e repugnância por mim própria. Numa família de heroicos machos alfas, não

sou apenas a única rapariga (e solteira e sem filhos), sou também a única maricas. Como se já não me sentisse diferente o bastante. Apesar da minha grande estatura, da minha capacidade para correr maratonas e subir o Trilho Apalache, há uma fenda na minha armadura, e o seu nome é sangue. E sangue coagulado. Os gémeos: Sangue e Sangue Coagulado. Sou a única O'Neill a quem falta o gene «pronta para o resgate».

Como membros dos Bombeiros de Eaton Falls, o pai, o Mark e o Matt (e o Trevor, já agora) já salvaram dezenas, talvez centenas de vidas, de uma maneira ou de outra, seja transportando alguém para fora de um edifício em chamas, fazendo manobras de reanimação, resgatando-os do rio ou apenas instalando um detetor de fumo gratuito. O Lucky faz parte da brigada de minas e armadilhas da Polícia de Nova Iorque. O Jack é paramédico num helicóptero, agora numa empresa privada em Albany. Recebeu uma Medalha de Honra do Congresso por um resgate dramático durante a sua missão no Afeganistão, pelo amor de Deus!

Até a minha mãe, que mede 1,57 m e pesa 50 quilos, deu à luz cinco filhos, nenhum de nós com menos de 4 quilos, sem uma gota de qualquer espécie de analgésico.

Eu, porém, tenho a embaraçosa tendência de desmaiar à visão de sangue. Quando a Elaina me convidou para assistir ao parto do Dylan, quase fiz chichi nas calças. Uma vez, na cerimónia de circuncisão do filho de uma amiga em Nova Jérсия, hiperventilei e cambaleei para cima da mesa de aperitivos, arruinando 200 dólares de ovos recheados, salmão fumado e sopa com bolinhos de pão. Quando tivemos de dissecar uma rã no secundário, desmaiei, bati com a cabeça no balcão do laboratório, recuperei os sentidos, vi o meu sangue e desmaiei outra vez.

Mas estou a dar alguns passos nessa frente. Embora não tencione falar disto à minha família até acabar, inscrevi-me recentemente num curso para me tornar TEM. Técnica de Emergência Médica. Eu. Claro que gosto de imaginar que, enterrada sob as minhas camadas de mariquice e um caso grave de ansiedade, está a genética que permite aos meus irmãos desfrutar das suas vidas carregadas de adrenalina. Além disso, talvez haja um tipo giro na turma.

— Quem quer brincar aos *Wild, Wild Wolves*? — pergunto às minhas sobrinhas.

— Eu! — guincham a Claire, a Anne, a Livvy e a Sophie.

— Quem quer ser o coelhinho ferido?

— Eu! Eu!

Deito-me no chão e começo a rosnar.

— Grr! Oh, diabo, foi um inverno duro, e tenho tanta, tanta fome! Oh, olha, um pobre coelhinho ferido! — As meninas gritam de alegria e tentam fugir de gatas, arrastando as pernas atrás delas. Eu salto, arrasto e mastigo, e os gritos de alegria delas rompem o ar.

— Então, como vão as coisas com a minha pequenina? — pergunta o meu pai enquanto mordisco as suas netas. O seu cabelo preto, polvilhado de cinza, está despenteado. — Já começaste a trabalhar?

— Estou na fase da socialização. Grr! Apanhei-te! Delicioso! E tu és o único homem do mundo que me chama pequenina. Na verdade, começo segunda-feira.

— Estou ansioso por ver o teu nome no jornal. — Pisca-me o olho.

— Olá, Chastity. — Viro-me e vejo o Trevor encostado à ombreira da porta, a sorrir, e os meus joelhos tremem vergonhosamente.

— Como estás, Trev? — pergunto bruscamente.

— Estou ótimo. E tu? — Sorri de modo cúmplice. Ah, pois, os *Scorpion Bowls*... O meu estômago vibra de embaraço.

— Então, quais são as novidades do quartel dos bombeiros, rapazes? — pergunto ao meu pai e ao Trevor, continuando a mordiscar o pé gordinho da Claire.

— Oh, o habitual — responde o pai. — Vinte quilos de merda...

— Num saco de dois quilos — termina o Trevor amigavelmente.

— Costeletinha — diz o meu pai. — Que história é essa de queres um namorado?

Cerro os maxilares, mas sou salva pela minha sobrinha, que esbarra nos joelhos do meu pai.

— Avô, podes comer-nos outra vez? — pede a Sophie. — Podes fingir que estás a dormir, e depois nós brincamos com o teu cabelo e depois abres os olhos e dizes que tens fome de crianças e fazes de conta que nos comes? Por favor, por favor?

— Agora não, querida. O avô quer comer comida a sério.

— Devias ter parado em qualquer sítio antes, pai — diz o Jack, da porta. Aceno-lhe.

— Não quero que vocês insultem os cozinhados da vossa mãe. São maravilhosos — declara o pai sonoramente. — Claro que parei no McDonald's... — acrescenta muito mais baixo.

O Trevor vai buscar uma cerveja, por isso sou poupada a mais humilhações quando o meu pai retoma o fio da nossa conversa anterior.

— Então, Chastity, porque é que queres começar a namorar? Não sabes que os homens são uns cretinos?

Paro de mastigar o Graham, que é o mais recente coelhinho ferido, e ponho-me de pé.

— Tens de superar essa estranha ideia irlandesa de que o meu destino é limpar-te a baba do queixo, pai. E sim, sei como os homens são idiotas. Olha à tua volta. Deste-me quatro irmãos.

Ele sorri orgulhosamente.

— Sou uma pessoa normal, pai — digo com um suspiro. — Claro que quero casar e ter filhos. Não queres mais netos?

— Já tenho demasiados netos — responde. — Acho que tenho de começar a comer mais!

Com isto, atira-se ao Dylan, que desata a chorar.

— Pai! Então! Já te disse que ele não gosta disso! — grita o Mark, pegando no filho ao colo. — Não chores, amiguinho. O avô está só a ser um idiota.

Passa pela Elaina sem sequer olhar para ela.

Ela silva para as costas dele, depois vira-se para mim.

— Passa lá por casa mais tarde. Estou tão danada que sou capaz de cuspir ácido.

— Parece divertido — respondo. — Às oito?

— Almoço! — grita a mãe.

Todos fazemos fila para a sala de jantar — a mãe, o pai, o Jack, a Sarah, o Lucky, a Tara, a Elaina, o Matt, o Trevor e eu apinhados em volta da mesa. O Mark, para evitar a Elaina, anuncia com uma resignação de mártir que vai comer na cozinha para supervisionar as crianças.

A mãe debruça-se e levanta a tampa da terrina, revelando a sua criação. Chamar a isto almoço seria impreciso e, de certa forma, cruel.

O Jack olha o conteúdo da terrina com desdém.

— Esse assado de panela vai sair de mim da mesma maneira que entra — anuncia. — Cinzento, duro e com nervos. E com um grande nível de esforço.

— John Michael O’Neill! Tem vergonha! — gagueja a mãe, enquanto todos os outros tentam sem sucesso esconder o riso.

— Obrigada pela partilha, Jack — diz a Sarah com um bom humor resignado.

— Isso foi mesmo nojento, mano — diz o Lucky. — É verdade, mas é nojento. E isso é *se* chegar a sair. A última vez que comi aqui, fiquei com prisão de ventre uma semana. Um guisado de carneiro que me fez doer as pernas. Acho que cheguei mesmo a sangrar quando...

— Luke! — troa a mãe. O Lucky baixa-se mesmo a tempo de escapar à estalada pouco convicta da mãe.

Embora eu perceba que a culinária irlandesa seja muito popular hoje em dia, os guisados da mãe são mais ao estilo período de fome irlandesa. Pega em grandes bocados de carne de vaca de má qualidade — coze-os. Uma grande panela de batatas acinzentadas, compradas em sacas de 10 quilos e armazenadas indefinidamente na cave — coze-as. Cenouras? Cozidas. Nabos? Cozidos. Molho de carne? Queimado.

— *Nham* — digo com vivacidade. — Obrigada, mãe.

— Lambe-botas — murmura o Matt ao meu lado.

— Vai-te lixar — murmuro-lhe de volta.

Fingimos comer, empurrando a comida furtivamente de um lado para o outro, arriscando ocasionalmente uma dentada quando não podemos evitá-lo. Tento impingir alguma carne à *Buttercup*, que apenas me olha tristemente com os seus olhos debruados a cor-de-rosa e volta a deitar a cabeça no chão com um estalido desesperançado. Na cozinha, ouvimos o Mark a comandar as crianças.

— Dylan, para de cuspir, amigo. Annie, querida, isso não tem graça. Volta a pôr isso na boca. Eu sei, mas foi a avó que fez. Dá cá, Graham, eu seguro-te isso.

Está a tentar muito parecer um santo. A Elaina finge que não dá por nada. Não posso censurá-la.

— Bem, esta é uma altura tão boa como outra qualquer. — A mãe pousa o garfo. — Ouçam, pessoas, decidi começar a namorar.

Petrificamos todos, e em seguida, como se fôssemos um só, olhamos para o pai — exceto a Elaina, que continua a cortar o feijão verde em moléculas ínfimas que não come.

— Estás a falar de quê? — pergunta o pai.

Os meus pais divorciaram-se há cerca de um ano. Não houve trauma nem zanga, é mais um jogo que eles fazem um com o outro. Embora o pai agora tenha um apartamento na baixa, as coisas mantiveram-se praticamente iguais. Se a caldeira avaria, a mãe chama o pai. Se o carro precisa de ir à oficina, a mãe chama o pai. Comem juntos algumas vezes por semana, vão juntos a todos os eventos dos netos, e aposto que ainda dormem juntos, embora seja algo que não tenciono averiguar.

— Namorar, Mike. Somos divorciados, lembras-te? Há um ano, já. Como já te disse 1800 vezes, eu desejo certas coisas. Visto que te recusaste a dar-mas, vou avançar com a minha vida.

E assim começa a discussão tradicional.

— Alguém quer mais vinho? — pergunto.

— Sim, por favor — responde o coro.

Os meus pais amam-se, mas parecem não conseguir viver felizes juntos. Não é fácil ser mulher de um bombeiro. Sempre que o pai se atrasava a chegar a casa, a mãe ligava a televisão e sentava-se, de cenho cerrado, diante do canal local, esperando ouvir notícias de um incêndio. E se houvesse um incêndio, ela revirava a aliança e ralhava connosco até o pai chegar a casa, cheio de fuligem, cansado e a vibrar de adrenalina.

Além do terror de perder o marido numa morte horrível, há a realidade de ser casada com um bombeiro. Sim, é um trabalho heroico. Claro, os cônjuges têm muito orgulho. É óbvio, estes tipos são fantásticos. Mas quantos Natais e dias de Ação de Graças e jogos e recitais da escola e concertos e aulas e encontros de natação e jantares se realizam sem o pai? Dezenas. Centenas. Mesmo quando estava em casa, o recetor estava ligado, ou então o pai estava a falar

ao telefone com um dos rapazes, ou tinha de ir a uma reunião do sindicato, ou estava a organizar uma aula de treino. Nos raros fins de semana em que o pai não trabalhava, chegava ao domingo à tarde tão ansioso, que ia ao quartel só para verificar se estava tudo bem.

Então, há dois anos, o Benny Grzowski, relativamente novo na corporação, caiu do telhado de um edifício em chamas quando estava a fazer um furo de ventilação e morreu. Tinha 25 anos.

Não há acontecimento mais sombrio e vistoso do que o funeral de um bombeiro. O clã O'Neill compareceu em peso, de rostos impermeáveis (exceto eu, que soluçava). Quando chegámos ao cemitério, passámos todos em fila pela lápide, já gravada com o nome e a idade do Benny e a inscrição tradicional. *Marido. Pai. Bombeiro.* Lembro-me de a mãe olhar de novo para a lápide, depois do enterro.

— Se fosse o teu pai, tínhamos de trocar a ordem — murmurou, virando as costas. — Nunca cases com um homem que ame o seu trabalho mais do que te ama a ti, Chastity.

Foi depois da morte do Benny que a mãe começou a fazer pressão para o pai se reformar. Ela queria fazer cruzeiros, jogar bridge, juntar-se ao Clube de Seniores de Eaton Falls, que organiza excursões às corridas de cavalos e aos casinos, aos centros comerciais e às cataratas do Niágara. Pediu, esperou, exigiu, esperou, ordenou, esperou e, finalmente, pediu o divórcio. Acho que ela pensou que ele capitularia quando se divorciassem, mas apenas esperou mais algum tempo.

Parece que a espera acabou. Ela olha impassivelmente para o meu pai e dá uma dentada na sua carne dura.

— Isso é ridículo — declara o pai. — Não vais namorar com ninguém!

— A sério? Vais ver, velhote — silva ela, depois vira-se para mim. — Chastity, ouvi-te dizer à Tara que queres conhecer alguém.

— Obrigada, mãe! OK. Podemos mudar de assunto? — exclamo, com as faces a arder.

— Acho que devíamos entrar nisto juntas — anuncia ela com vivacidade. — Encontros a quatro.

— Caraças — murmuro. O Matt lança-me um sorriso estúpido e mostro-lhe o dedo.

— Não vais namorar — repete o pai. — Estás a fazer isto só para me irritar, e está a resultar. Já chega.

A mãe continua, impassível.

— Podemos inscrever-nos no *eHarmony*, ir a bailes de solteiros...

— Não vais namorar!

— ... *speed dating*. Vai ser divertido. Mike, tu não tens voto nesta matéria, por isso cala-te.

A cara do pai está vermelho-vivo.

— Tu. Não. Vais. Namorar.

— Mãe — tenta o Lucky, o filho do meio pacificador e detonador de bombas. — Mãe, não podes dar outra oportunidade ao pai?

— Já lhe dei quatro «outras oportunidades» — diz ela, olhando furiosamente para o Lucky. — Ele ama mais aquela corporação de bombeiros do que me ama a mim.

— Isso é uma estupidez — ruge o pai, furioso, amarrotando o guardanapo.

— Sim, é estúpido — riposta a minha mãe. — É exatamente o que eu estou a dizer.

— És uma idiota, mulher! Não vamos discutir isto. Tu não vais namorar!

Sai disparado da mesa, saltando por cima da minha cadela, e bate com a porta das traseiras. Um segundo depois, ouvimos o motor do seu carro.

A Sarah e a Tara estão a olhar uma para a outra. Como que combinadas, viram-se ambas para a minha mãe.

— Trouxemos sobremesa! — dizem em coro.

— Então, mãe, estavas a falar a sério? — pergunto mais tarde, quando já se foram todos embora. A casa está silenciosa, enquanto lá fora os pássaros cantam uns para os outros e o sol se põe sobre as montanhas. A enorme cabeça da minha cadela repousa nos pés da minha mãe, como que em solidariedade.

Ela suspira.

— Eu sei que gostas mais do teu pai, Chastity.

— Não é verdade — sinto-me obrigada a responder.

— Mas eu não quero passar o resto da minha vida assim sozinha.

— Ele vai reformar-se, mãe. Terá de o fazer. Não há regras do sindicato ou algo assim? Quero dizer, ele tem 59 anos, não é?

— Tem 58 — responde a mãe. — Vai reformar-se quando lhe apetecer, querida. Daqui a seis anos? Sete? Dez? E eu devo ficar aqui sentada à espera? Já suportei isso durante 39 anos! É a minha vez de decidir uma ou duas coisas acerca das nossas vidas, e ele não aceita isso e não é justo. — Recosta-se na sua cadeira. — Por isso, vou arranjar outra pessoa.

— Já não o amas, mãe?

— Claro que amo — diz ela. — A questão não é essa. É que eu quero alguém que me ponha em primeiro lugar e, sinceramente, o teu pai nunca o fez. Não foi um mau marido, mas nunca me pôs primeiro. — O tom dela é o de um professor a relatar factos históricos. Aceno com a cabeça e esgaravato a sola da minha bota de caminhada. Quem sabe? Talvez o plano dela resulte e um pouco de ciúmes chame finalmente a atenção do pai. Ela ama-o. Ela não quer outra pessoa, não verdadeiramente.

— Vamos divertir-nos, querida — proclama a mãe. — Já nos inscrevi nas compras de mercearias para solteiros! Não achas divertido?

— Hum... Não — respondo.

— Oh, vá lá! Ainda nem experimentaste. É divertido.

— Já foste?

— Não, mas como é que compras de mercearias para solteiros pode não ser divertido?

Ela continua a descrever a excitação antecipada de examinar legumes com outras pessoas à procura de namorado. Faço uma careta e deixo a cabeça descair no braço da cadeira.

A verdade é que irei. Não tenho tempo a perder, não é? Sinto os meus ovários a suspirarem de impaciência... *Ainda estamos a funcionar. Por enquanto, pelo menos...* Lembro-me vagamente da empregada oferecida. Não tenho vontade de ver o Trevor a açambarcar mulheres enquanto eu fico por aqui, sozinha e sem filhos, olhando o meu anelar vazio.

E então faço um pacto com o diabo ou, neste caso, com a minha mãe. Vamos tentar juntas. Porque não? O que tenho a perder?

CHASTITY É UMA VERDADEIRA MARIA-RAPAZ
E TEM ÓRGULHO NISSO.
MAS TER APENAS AMIGOS DO SEXO MASCULINO
PODERÁ TRAZER-LHE DESVANTAGENS...

Chastity O'Neill é jornalista e regressa à sua cidade-natal com intenções de assentar e desenvolver o seu lado mais feminino. Já tem uma cadela trapalhona e uma casa em seu nome, só lhe falta o marido e os filhos. Contudo, para alcançar o seu final feliz, Chastity precisa de ultrapassar dois obstáculos: a juntar ao facto de ser uma matulona de 1,80 m, capaz de intimidar a maior parte dos homens, tem quatro irmãos muito protetores e com manias de macho dominante.

Com a sua vida amorosa completamente estagnada, Chastity está desesperada. Mas ganha um novo ânimo quando, durante a escrita de um artigo acerca dos heróis da terra, conhece Ryan Darling, um cirurgião lindo de morrer! Além dos evidentes atributos físicos, Ryan tem um grande potencial para futuro marido!

Só há um problema: o regresso às origens implica também o reencontro com Trevor Meade, o seu primeiro amor. A verdade é que ela nunca o esqueceu, embora ele pareça sentir-se muito confortável no seu papel de bombeiro preferido da população feminina da cidade. Mas, para Trevor, ela é apenas uma grande amiga, quase uma irmã...

IRÁ ELA MANTER-SE PRESA AO PRIMEIRO AMOR
OU PROCURAR O FUTURO COM QUE SEMPRE SONHOU?

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-668-563-8  9 789896 685638 Ficção Romântica
--	--